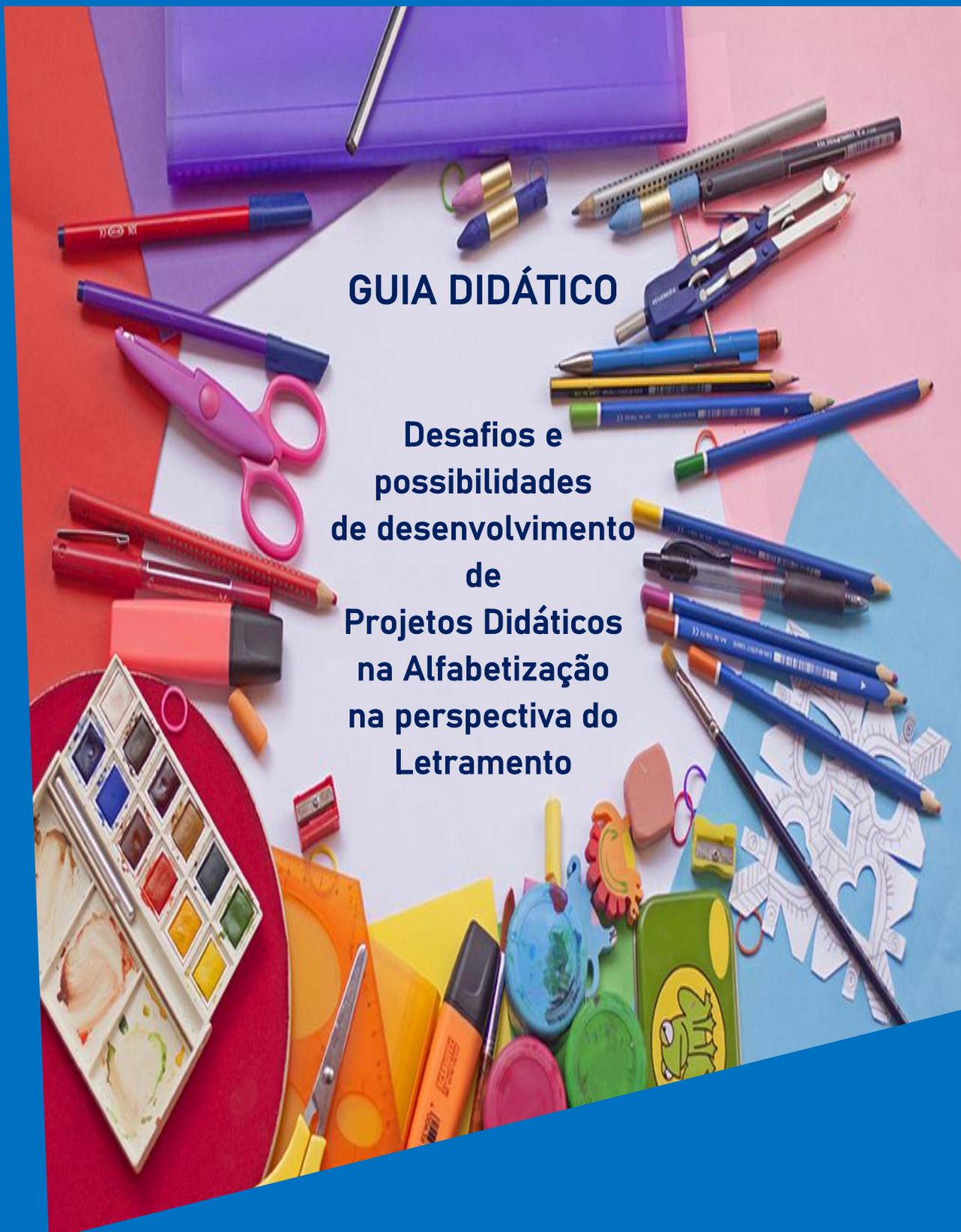


Patrícia Valéria Bemvindo da Silva
Orientação: Telma Ferraz Leal

GUIA DIDÁTICO

**Desafios e
possibilidades
de desenvolvimento
de
Projetos Didáticos
na Alfabetização
na perspectiva do
Letramento**



Projetos didáticos na alfabetização: orientações pedagógicas



Com a palavra, a Autora!

Este guia de orientações pedagógicas é resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Básica – PROFEPT da UFPE. O objetivo geral foi investigar os desafios e as possibilidades do desenvolvimento de projetos didáticos nas práticas pedagógicas da alfabetização. Foram realizadas entrevistas com professoras de uma escola pública em Recife, assim como de observações de aulas.

As orientações contidas nesse guia destinam-se a professores que atuam nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, denominado ciclo de Alfabetização. Contem sugestões, exemplos e aponta caminhos para o desenvolvimento de projetos no processo de alfabetização, tais como os relativos ao tempo, às possibilidades de estabelecimento de interdisciplinaridade e estratégias para lidar com a heterogeneidade. É, assim, um material de apoio para o planejamento das ações pedagógicas.

Enfim, esperamos que este material possa auxiliar no desenvolvimento do trabalho pedagógico por projetos didáticos, que, embora seja desafiador, é possível e tem potencialidade para favorecer muitas aprendizagens.



SUMÁRIO

1. DE QUE ALFABETIZAÇÃO ESTAMOS FALANDO?	4
2. O QUE SÃO PROJETOS DIDÁTICOS?	8
3. COMO DESENVOLVER PROJETOS DIDÁTICOS?	13
4. ALGUNS EXEMPLOS E SUGESTÕES DE PROJETOS NA ALFABETIZAÇÃO...16	
Projeto 1 - Brincadeiras populares.....	17
Projeto 2 - Aprendendo mais sobre a cultura do Nordeste	21
Projeto 3 - Conhecendo mais sobre a cultura do preto para a formação do povo brasileiro.....	23
Projeto 4 - Vida e obra do Rei do Baião - Luiz Gonzaga.....	26
5. ENFIM... QUAIS SÃO OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DE UM PROJETO DIDÁTICO	30
REFERÊNCIAS.....	31

1 DE QUE ALFABETIZAÇÃO ESTAMOS FALANDO?

Para sugerir a prática de projetos didáticos na alfabetização, é preciso partir de uma concepção ampliada desse processo. Neste material, defendemos a abordagem da alfabetização na perspectiva do letramento, que tem como postulado a ideia de que é importante “oportunar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético” (Santos e Albuquerque, 2007, p. 98).

Partindo dessa concepção, propomos que o ensino seja lúdico e seja realizado a partir de um planejamento sistematizado, incluindo-se o trabalho organizado em projetos didáticos, que colaborem com a construção do conhecimento autônomo e significativo do educando. Nesse sentido, é um processo que deve ir além do apenas decodificar, mas sim, ensinar a ler, interpretar e saber se expressar. Conforme Soares (2004, p. 86), isso significa *alfabetizar letrando*.

Neste contexto, compreender a alfabetização na perspectiva de letramento requer o exame de suas complexidades e singularidades conceituais, pois, conforme se sabe, ambos os conceitos, especificamente, se relacionam.

Assim, ao se definir as especificidades dos referidos termos, concebe-se, a partir de leituras em Soares (2004), Albuquerque (2005) e Leal (2006, 2007), que a alfabetização envolve, ao menos, duas dimensões: a aprendizagem da base alfabética da língua (Sistema de Escrita Alfabética) e o desenvolvimento de habilidades de produção e leitura de textos de diversos gêneros; e assim, pode ser definido como um processo de apropriação do sistema de escrita, leitura e produção de textos que ocorre em práticas sociais de uso da linguagem escrita em interface com a oralidade.

Leal (2022), ao realizar uma síntese do que constitui essa abordagem, afirma que:

Em estudos anteriores, temos participado deste debate (Leal, 2015; Leal *et al.*, 2020), defendendo que a alfabetização na perspectiva do letramento é uma abordagem que considera diferentes dimensões do processo de alfabetização: 1) apropriação de um sistema de escrita alfabética; 2) desenvolvimento das capacidades de ler e escrever em situações sociais diversas; (3) Conhecimentos sobre as práticas sociais de uso da escrita e oralidade e dos gêneros; (4) Conhecimentos sobre a língua, e (5) Aprendizagem de diferentes conhecimentos por meio da leitura, da fala e da escrita, significativos e

importantes para a participação das crianças nas diferentes esferas sociais e fortalecimento de suas identidades sociais. Neste sentido, a alfabetização inclui o ensino explícito do funcionamento do Sistema de Escrita Alfabética, mas não se restringe a ele.

Temos defendido que as próprias práticas de ensino da escrita são práticas de letramento, de modo que, segundo tal compreensão, o ensino da leitura e da escrita ocorre por meio de eventos de letramento situados historicamente e, assim, a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) ocorre por meio de eventos que são situações de ensino marcadas pelas especificidades de dado contexto social em um dado momento histórico (Leal, 2022, p. 165-166).

Concebemos, assim, que os conceitos se diferenciam, pois encontrarmos pessoas não alfabetizadas, mas que, em decorrência das interações em uma sociedade letrada, lidam com diferentes textos escritos, geralmente por meio da mediação de pessoas alfabetizadas, como ocorre, por exemplo, no acesso a notícias por meio de jornais televisivos em que os jornalistas leem o texto em voz alta.

Por outro lado, compreendemos que a alfabetização ocorre em eventos de letramento, de modo que os dois conceitos são indissociáveis nos debates sobre alfabetização. Nesse sentido, a escola, a partir dos pressupostos da abordagem da alfabetização na perspectiva do letramento, cujo papel é possibilitar a socialização, a apropriação do conhecimento científico e a formação de sujeitos inseridos em um determinado contexto sociocultural, passa a ter uma função bem mais complexa e exigente em relação ao envolvimento do estudante e do professor.

Com efeito, a escola como local privilegiado de ensino da leitura e da escrita, deve promover situações de leitura e escrita similares às que ocorrem em outros espaços sociais. Leal, Silva e Rocha (2020, p. 42-45) chamam atenção para “a necessidade de se pensar a escola como um todo, concebendo-a como espaço de múltiplas aprendizagens e construções identitárias, por meio das interações que neste local são estabelecidas”. Portanto, urge alterar as estratégias de trabalho, partindo-se do pressuposto da ideia *freiriana* de que “o aluno alfabetizado, ou não, chega à escola levando uma cultura que não é melhor ou pior do que a do professor; em sala de aula eles aprendem juntos” (Freire, 2006, p. 39).

Segundo Soares (1998) a proposta de *alfabetizar letrando* significa orientar a criança para que aprenda a escrever, levando-a a conviver com práticas diversificadas de leitura e de escrita. Em relação aos processos de ensino da leitura e da escrita, na abordagem aqui defendida, busca-se que os estudantes aprendam no próprio processo de produção, articulando conhecimentos relativos a diferentes componentes curriculares de

maneira estruturada. Assim, busca-se formar seres críticos, por meio da leitura, da escrita, da fala e outras linguagens.

Desse modo, percebe-se que, segundo os autores que defendem essa abordagem, é importante criar uma rotina de ensino na qual a criança seja conduzida ao mundo letrado de maneira que compreenda as práticas sociais recorrentes na sociedade. A este respeito, Tfouni (2010) adverte que o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aprendizagem da escrita. Portanto, a alfabetização precisa ser um processo significativo de aprendizagem; as informações recebidas devem ser assimiladas e utilizadas pelos indivíduos nas práticas sociais. Mas, essa abordagem é mais recente na história da educação.

A história da educação brasileira tem mostrado que o ensino da leitura e da escrita visando à alfabetização de todos é um tema presente ao longo dos anos, ainda que, diferentes políticas e metodologias tenham sido adotadas (Brasil, 2007; 2009). Os métodos convencionais ou ditos tradicionais de alfabetização apresentavam os caminhos que os alunos deviam percorrer. Nesse processo, a leitura e a escrita iam sendo ensinados em etapas rígidas, sequenciais, em que primeiro era ensinado um suposto “código alfabético” e só depois a leitura e produção de textos iam sendo ensinados de modo muito linear (do mais simples ao mais complexo).

Estudos atuais da área de educação têm evidenciado que é necessário realizar reflexões sobre como ocorre o aprendizado da criança para estabelecer metodologias que favoreçam as apropriações de conhecimentos. Soares (2018) diz que:

a palavra método segundo sua etimologia – meta- + hodós = caminho em direção a um fim, considera-se que o fim é a criança alfabetizada, o caminho é o ensino e a aprendizagem das várias subfacetas da faceta linguística, por meio de procedimentos adequados a cada uma delas, segundo as diferentes teorias que as esclarecem –, os procedimentos desenvolvidos de forma integrada e simultânea constituem o alfabetizar com método (Soares, 2018, p. 333, grifos da autora).

Hoje, a preocupação com a temática da alfabetização na perspectiva do letramento no âmbito das práticas de educadores exige que estes estabeleçam metas e estratégias de ensino que considerem as características individuais e identidades sociais dos educandos, de maneira a favorecer o pensamento crítico e a capacidade de produzir e interagir em diferentes espaços sociais nos quais estejam inseridos. Sendo assim, concebemos que o sujeito alfabetizado é aquele que aprendeu a ler e escrever e faz uso desta condição nas práticas sociais:

A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento; ao contrário, a criança aprende a ler envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita (Soares, 2020, p.27).

Para Tfouni (2010) o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Segundo Soares (2004) a etimologia da palavra letramento vem de literacy do latim littera (letra), que, sendo acrescentado o sufixo CY, que significa qualidade, condição, estado ou fato de ser, assume o significado de condição daquele que aprendeu a ler e escrever. Assim, originado da palavra *literacy*, letramento significa o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, assim como evidencia o estado do grupo social ou indivíduo que se apropria da escrita.

No conceito de letramento, Soares (2020) diz que contém a ideia de que a escrita traz implicações sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas e linguísticas, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade em que vive. Assim, o ensino da leitura e da escrita não deve mais partir somente na decomposição de palavras em vogais, consoantes, sílabas, ou da formação de palavras e frases. Deve ocorrer a partir de uma conjugação de estratégias que promovam a reflexão sobre o funcionamento do Sistema de Escrita Alfabética e as outras aprendizagens necessárias para a produção e compreensão de textos. Para Frade,

O contato com a leitura e a escrita de textos é possível quando a escola constrói situações e relações em que a linguagem escrita se faz presente de maneira significativa para os alunos. Assim, é fundamental aproveitar todos os momentos possíveis para que as crianças tenham contato com textos e se utilizem deles (Frade, 1997, p. 48).

Por isso, o educador não pode esperar os estudantes dominarem o sistema notacional para inseri-los em práticas similares às que ocorrem em outros espaços sociais. Pode-se, por exemplo, como é ilustrado por Leal (2005, p. 197), realizar “a produção em dupla, em pequenos grupos, em grande grupo” favorecendo “aprendizagens diversificadas, sobre as práticas de linguagem”.

Nessa abordagem, o ensino da leitura e da escrita deve ocorrer inserido em diferentes práticas sociais, sendo a alfabetização um processo que deve ser construído a partir da imersão da criança na cultura escrita, contemplando eventos sistemáticos de reflexão sobre o funcionamento do sistema notacional e das práticas sociais de uso da escrita, sobretudo, para encontrarmos um bom ponto de partida para pensarmos a pedagogia de projetos.

2 O QUE SÃO PROJETOS DIDÁTICOS?

A partir do pensamento de John Dewey (1859 -1952) e Willian Kilpatrick (1919),dentre outros representantes da chamada Pedagogia Ativa, surgiram as primeiras ideias de projetos como meio pedagógico. Kilpatrick e John Dewey se encontraram pela primeira vez em 1898 e foram precursores das discussões atuais sobre essa modalidade de organização do trabalho pedagógico. Dewey (1916) e Kilpatrick (1918) compreendiam os projetos como instrumentos capazes de desenvolver a autonomia dos estudantes e a articulação dos saberes escolares com a realidade. Sob tais ideários, surgiram as primeiras discussões referentes à necessidade de proporcionar, por meio da educação, as condições para que um estudante se tornasse protagonista do seu processo de aprendizagem. Assim, como característica básica dos projetos podemos citar a importância da experiência do aluno, as suas reações ao processo (interesse) e a formação de condutas.

Também na busca por entender a origem da pedagogia de projetos, Fonsêca (2012) afirma que os projetos didáticos surgiram na literatura educacional no ano de 1904, em um trabalho realizado pelo educador Richards, o qual orientava futuros professores quanto a trabalhos manuais, considerando útil que desenvolvessem projetos suscitados por problemas e tarefas práticas. Desse modo, ressalta-se outra característica fundamental da pedagogia de projetos, que é, partir de problemas a serem resolvidos através do estudo e da pesquisa, sendo abordados por meio de ações dos discentes, que devem chegar a um determinado produto a ser socializado.

Do ponto de vista da psicologia cognitiva, o desenvolvimento de pedagogia de projetos encontra respaldo em discussões realizadas por Vygotsky (1989) que defendeu a perspectiva que coloca a criança/aprendiz no centro do processo de ensino-aprendizagem e que destaca que a aprendizagem se realiza nas interações e nos processos de mediação na e pela linguagem. Decorre daí outra característica da Pedagogia de Projetos, que é o predomínio de atividades coletivas.

Partindo desses postulados centrais, sugere-se, na Pedagogia de Projetos, o desenvolvimento de propostas que permitam que os objetos de ensino sejam relacionados à aprendizagem de conhecimentos relevantes para a vida dos estudantes. Tais conhecimentos precisam constituir verdadeiramente o cerne de um programa de alfabetização na perspectiva do letramento.

Em suma, diferentes autores contribuíram para a construção de princípios sobre o trabalho com projetos. No entanto, é importante ressaltar que foi através do pensamento de John Dewey (1859- 1952) e William Kilpatrick (1919) dentre outros representantes da chamada Pedagogia Ativa, que se difundiu a defesa de que o professor não pode ser considerado um transmissor de conhecimentos; ele, nessa abordagem, passa a ser um orientador do ensino-aprendizagem.

Segundo Boutinet (2002, p. 47),

A partir do séc. XXI, a Pedagogia Ativa se fortalece, valorizando a cooperação e as múltiplas aprendizagens da criança. As orientações para o trabalho que antes era predominantemente individualizado, passa a ser compartilhado entre os estudantes.

Na mesma linha de defesa do protagonismo dos estudantes, Hernández e Montserrat (1998) relatam a experiência da aprendizagem por projetos desenvolvida na Escola Pompeu Fabra – Espanha. Nessa experiência, embora os fundamentos essenciais da proposta de Dewey tenham permanecido, o destaque dos projetos fica por conta da dinamização e atualização de múltiplos fatores presentes no cotidiano (Hernández; Montserrat, 1998).

No Brasil, o trabalho com projetos didáticos, por sua vez, começou a ter reconhecimento pedagógico a partir de diferentes períodos do século XX e sua divulgação foi dada, sobretudo, pelo movimento da Escola Nova, que se colocava contra os princípios e métodos da escola tradicional. Entre os principais expoentes da Escola Nova no Brasil destacam-se Anísio Teixeira e Lourenço Filho. A Escola Nova buscou estabelecer o princípio da aprendizagem através de descobertas, em que o professor, no processo de ensino e aprendizagem, atua como facilitador do processo de conhecimento que deve partir do interesse do aluno.

De acordo com Jolibert (1994) um projeto forma-se a partir de um trabalho na perspectiva de resolução de problema. A criança deve ser conduzida a “explorar uma ideia ou construir um produto que se tenha planejado ou imaginado”. O resultado de um projeto deverá ter um significado para quem o executa. Para a autora, o projeto didático deve ser vivenciado a partir de sentimentos, posicionamentos diante dos fatos, escolha de procedimentos, a fim de atender aos objetivos (Jolibert, 1994). Portanto, um projeto é aquilo que ainda está por acontecer, que ainda não é atual, não está colocado no presente, uma vez que é ainda uma antecipação do futuro.

Neste sentido, um projeto diz respeito a vontades, desejos, ilusões, necessidades, entre outros fatores que servirão como impulsionadores para o ato de projetar. Em vista disto, apesar do reconhecimento no contexto atual da potencialidade do trabalho com projetos, há ainda poucos estudos analisando o desenvolvimento dessa modalidade organizativa do trabalho pedagógico no processo de alfabetização. Portanto, é um tema necessário, pois, como foi discutido anteriormente, a alfabetização na perspectiva do letramento implica no trabalho pautado na inserção dos estudantes em diferentes práticas de letramento e abordagem interdisciplinar, como é afirmado por Andrade (2011):

Evidencia-se a necessidade da prática pedagógica ser norteada pelas demandas sociais para que incorpore uma nova postura no contexto educativo em que a alfabetização e letramento andem lado a lado, pois apesar de serem ações distintas, devem, num processo articulado, se integrar. Trabalhar o sistema ortográfico (alfabetizar), apresenta-se como atividade eficaz, pois a apropriação do sistema de codificação e decodificação e do sistema alfabético e ortográfico da língua são necessários e não podem deixar de acontecer, porém não se pode limitar-se a essa ação, é preciso ir além disso, contemplar o letramento de forma significativa, propiciando a vivência das práticas sociais da lectoescrita (Andrade, 2011, p. 63).

Configura-se na abordagem da alfabetização na perspectiva do letramento, a necessidade de desenvolver situações didáticas problematizadoras e alinhadas com as necessidades dos estudantes. No entanto, nem sempre é simples para o professor planejar o ensino dando conta dessa complexidade.

Atualmente, muitas escolas e professores afirmam que trabalham com projetos, no entanto, nem sempre parecem contemplar nessas vivências os postulados ou princípios desse modo de organização da prática pedagógica. Neste sentido, Nogueira (2003) adverte que a falta de conhecimento sobre essa prática pode estar levando o professor a conduzir atividades totalmente insipientes como se fossem projetos. Assim, observa Nogueira, “qualquer cartaz pendurado na parede com um desenho de três patinhos já é denominado: Projeto Animais - reduzindo desta forma um projeto à mera elaboração de cartazes” (Nogueira, 2003, p. 76).

Para Hernández (1998),

os projetos não podem ser considerados como um modelo pronto e acabado ou como metodologia didática, ou separados de sua dimensão política. Trabalhar com projetos significa dar novo sentido ao processo do aprender e do ensinar. Eles devem estar voltados para uma ação concreta, partindo da necessidade dos alunos de resolver problemas da sua realidade, para uma prática social que pode ser adaptada ao contexto escolar através de exposições, maquetes, músicas, dança, trabalhos artísticos, artesanatos, passeios, dentre outros. O trabalho com projetos também se caracteriza pela possibilidade de propiciar

uma frequente execução de tarefas por todos os alunos como sujeitos ativos dentro do processo de construção, execução e avaliação do projeto (Hernández, 1998, p.79).

Segundo Oliveira,

A metodologia de projeto, *Project Based Learning* (PBL), valoriza o protagonismo e a cooperação dos estudantes, valoriza o bairro, a cidade, como espaços de aprender e explorar; as lojas de materiais de construção, os bazares e papelarias, os supermercados, as vidraçarias, as quitandas, as ruas dos bairros, o transporte público coletivo. Portanto, essa metodologia de ensino, pode ser pensada como uma mudança de paradigma na escola pública estadual, uma educação para além das salas de aula, uma educação para além dos muros da escola (Oliveira, 2018; 2022, p. 3).

Nessa perspectiva, o professor é desafiado a assumir o compromisso com a formação do aluno enquanto sujeito crítico/consciente; desafiado, sobretudo, a uma prática que leva em consideração o funcionamento da língua, as normas e princípios que a organiza, além de uma prática que considere os usos e aplicabilidade da língua em âmbito social.

Sendo assim, a metodologia mais apropriada parece ser a permanente construção do fazer, para a aprendizagem mediada por projetos. Desse modo, a partir dessa postura da aprendizagem por projetos, conforme Almeida (1999), evidenciam-se as necessidades da sociedade e as expectativas e potencialidades dos estudantes, com perspectivas de cooperação e autonomia para professor e aluno no processo de aprendizagem. Segundo Freire:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. [...] O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; [...] que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgrida os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência [...] (Freire, 2003 [1996], p. 59-60).

Para Nogueira (2003, p.90) "um projeto na verdade é, a princípio, uma irrealidade que vai se tornando real, conforme começa a ganhar corpo a partir da realização de ações e conseqüentemente, as articulações desta". Assim, o projeto desafia o professor a assumir o compromisso com a formação do aluno enquanto sujeito crítico/consciente. É, sobretudo, uma metodologia que precisa ser a permanente construção do fazer, para a aprendizagem (Bartikoski, 2017).

A partir dessas discussões, entendemos que no projeto didático não cabe optar por alfabetizar ou letrar, um em detrimento do outro. Reforçando essa ideia, Leal (2007) concorda com Soares em relação à indissociabilidade entre a alfabetização e o letramento.

Segundo Leal (2007):

[...] precisamos conciliar a aprendizagem do sistema alfabético de escrita e o desenvolvimento de estratégias de compreensão e produção de textos orais e escritos, sem negligenciarmos nenhuma dessas duas dimensões da escolarização inicial. Realizando uma ação planejada, temos mais condições de dar conta dessa complexa tarefa que é alfabetizar letrando (Leal, 2007, p. 92).

Sendo assim, concordamos que é “[...] utilizando-se de textos reais [...] que os alunos podem aprender muito sobre a escrita” (Galvão; Leal; 2005, p. 15). Assim, é por meio de situações reflexivas e problematizadoras que a aprendizagem significativa ocorre.

3 COMO DESENVOLVER PROJETOS DIDÁTICOS?

Hernández (1998) propõe que os projetos sejam desenvolvidos em etapas, nas quais deverão ocorrer as aprendizagens, levando em consideração a intenção do professor de promover uma aprendizagem contextualizada e significativa junto ao discente, com um planejamento coletivo das ações que serão desenvolvidas tanto pelos docentes quanto pelos estudantes, com o princípio da coletividade e com objetivos comuns para todos, mantendo uma visão do aluno como protagonista de sua própria aprendizagem. Ou seja, o modelo de projeto didático para alfabetizar na perspectiva do letramento deve trazer a ideia da intencionalidade, o que, na concepção *freiriana* (Freire, 2005, p. 87), “jamais é neutra”.

Diferentes autores no momento atual contribuíram para a compreensão dessa modalidade organizativa do trabalho pedagógico. Dentre eles, destacamos Fernando Hernández; Josette Jolibert e Delia Lerner, os quais guardam sincronia com a concepção de ensino por resolução de problemas. Os modelos de projetos propostos pelos referidos teóricos possuem um maior enfoque na aprendizagem da linguagem oral e escrita, além de se caracterizarem por: a) promoção de uma aprendizagem significativa. b) tempo de duração flexível. c) possibilidade de integração de várias áreas do conhecimento. d) existência de um produto final.

Ressaltamos, ainda, que o desenvolvimento da autonomia dos discentes, objetivo central dessa modalidade de planejamento do trabalho pedagógico, estaria contemplado nas ações em que se incentiva a participação ativa dos estudantes em todas as fases do trabalho, desde a delimitação do problema a ser investigado, do produto final e das etapas a serem vivenciadas, à proposição do cronograma de trabalho, realização das atividades e avaliação durante todo o percurso. Tal princípio é exposto por Gandin:

Há ainda que se reafirmar que todo esse pensar no planejamento deve ser permeado pela participação efetiva das partes envolvidas, no caso, alunos e professor(es). Somente a partir do envolvimento dos alunos em cada etapa do PD, pode-se despertar o verdadeiro interesse pelo tema ou desafio que será tratado, conforme Gandin fundamenta: A construção em conjunto acontece quando o poder está com as pessoas, independentemente dessas diferenças menores e fundamentadas na igualdade real das pessoas. Aí se pode construir um processo de planejamento em que todos, com seu saber próprio, com sua consciência, com sua adesão específica, organizam seus problemas, suas ideias, seus ideais, seu conhecimento da realidade, suas propostas e suas ações. Todos

crecem juntos, transformam a realidade, criam o novo, em proveito de todos e com o trabalho coordenado (Gandin, 2012, p. 57).

Desse modo, projeto didático é, nessa concepção, uma modalidade organizativa do trabalho pedagógico, em que a construção é coletiva, envolvendo professor e estudantes, tanto na delimitação dos problemas e produtos, quanto no planejamento, cronograma, realização das atividades e avaliação. Também se caracteriza por ser uma modalidade que enfatiza problemas autênticos, que demandam abordagens aprofundadas (considerando a faixa etária e etapa de escolaridade) e contempla a fase de socialização dos resultados obtidos em forma de produtos.

Em relação a essa fase final, Lerner (2007) afirma que não basta que o produto final exista: ele precisa estar claro para os alunos desde o início do projeto, pois a sua construção é que representará os propósitos comunicativos. Lerner (2007, p.47), ao falar sobre a escolha dos projetos didáticos, afirma que,

Os projetos propostos aos professores estão relacionados com um propósito essencial: o de incorporar todos os alunos às práticas sociais de leitura e escrita. Além disso, cada projeto orienta-se para metas específicas: elaborar uma produção – uma antologia de contos, fábulas ou lendas, uma compilação de poesias, uma enciclopédia temática, um caderno de receitas, um folheto turístico... – por meio da qual os participantes se comunicarão com outros professores, crianças e integrantes da comunidade. Escolher o projeto a ser desenvolvido pressupõe tomar uma decisão a partir da reflexão sobre os propósitos ou metas que se deseja colocar em primeiro plano.

Seguindo as orientações de Lerner (2007) os alunos precisam deliberar acerca de qual será o produto final no momento da construção das etapas do projeto, desse modo, praticamente todas as escolas afirmam que trabalham, ou pelo menos dizem trabalhar com projetos. Entretanto, a falta de conhecimento sobre essa prática poderá levar o professor a condução de atividades insipientes como se fossem projetos.

Um projeto didático se constitui em uma atividade planejada e organizada, com prazos determinados e finalidades definidas em função de uma situação problema, para a qual se definem objetivos e metas. Deve estar articulado aos conteúdos de ensino e objetivos de aprendizagem dos alunos. Sua abrangência, duração e alcance estão relacionados à relevância, complexidade e dificuldades envolvidas na situação-problema que lhe deu origem (Nogueira, 2003, p. 77).

Considerando as reflexões feitas, podemos enumerar as seguintes etapas de vivência de um projeto:

1 – Conversa com os estudantes para delimitação de um tema / problema para estudo e realização do projeto. Esse tema pode surgir de algum acontecimento que impactou a

turma, por sugestão de algum estudante; ou por sugestão do/a próprio/a professor/a, no entanto, é necessário que os estudantes deliberem acerca do que será estudado.

2 – Conversa com os estudantes para definição do produto final / culminância do trabalho. É importante que o produto final seja pertinente ao tema estudado e favoreça a socialização dos conhecimentos extrapolando o ambiente da sala de aula.

3 – Construção, com os estudantes, da lista de atividades que terão que ser desenvolvidas para que o problema seja estudado, o produto e a culminância sejam alcançados.

4 – Definição do tempo que o projeto poderá ser executado; construção, com os estudantes, do cronograma de desenvolvimento das atividades.

5 – Delimitação dos objetivos de aprendizagem, considerando as decisões tomadas pelos estudantes para que a mediação docente seja potencializada.

6 – Vivência com a turma das atividades previstas, com paradas para avaliação de cada etapa e replanejamento do que for necessário.

7 – Elaboração do produto combinado e vivência da culminância.

8 – Avaliação final, com toda turma, do que foi vivenciado, do que foi aprendido e dos efeitos obtidos das ações.

9 – Avaliação da aprendizagem dos estudantes pelo professor, considerando os objetivos de aprendizagem delimitados.

4 ALGUNS EXEMPLOS E SUGESTÕES DE PROJETOS NA ALFABETIZAÇÃO

Projeto 1

Escola: Escola Municipal Santa Catherine Labouré - Jaboatão dos Guararapes / PE

Professora: Leila Nascimento

Etapa escolar: 1º ano do Ensino Fundamental

Quantidade de estudantes: 21

Tema: Brincadeiras populares

Problema: O que são brincadeiras populares? Quais são as brincadeiras populares de Pernambuco?

Produto: Catálogo de brincadeiras populares

Objetivos

- Conhecer e valorizar brincadeiras populares
- Interagir em situações de brincadeira, respeitando as regras.
- Participar de interações orais, respeitando os turnos de fala, defendendo opiniões.
- Planejar e vivenciar situações de entrevista.
- Ler textos injuntivos do gênero instruções de brincadeira, localizando informações e seguindo orientações.
- Produzir instruções de brincadeira, organizando sequencialmente informações e utilizando recursos linguísticos e forma composicional típicos do gênero.
- Produzir ilustrações.
- Organizar catálogos contendo as partes que compõem esse suporte textual.

Atividades vivenciadas

Apresentação da proposta e planejamento coletivo

- Leitura de um texto literário (Infância – poema escrito por Sônia Miranda) sobre brincadeiras, para introduzir o tema.
- Levantamento oral das brincadeiras conhecidas pelas crianças, por meio de conversa em grande grupo e sistematização dos nomes das brincadeiras em cartaz (produção de uma lista).

- Proposta do tema do projeto e conversa para decisão sobre o produto final (ficou decidido que seria produzido um catálogo de brincadeiras populares).
- Planejamento com o grupo das etapas gerais e elaboração de um cronograma de trabalho.

Seleção das brincadeiras que iriam compor o catálogo de brincadeiras

- Elaboração de um roteiro da entrevista para conhecer outras brincadeiras populares.
- Aplicação das entrevistas na comunidade.
- Sistematização dos resultados das entrevistas, com acréscimo dos nomes no cartaz.
- Leitura do cartaz com o levantamento das brincadeiras.
- Discussão sobre quantas brincadeiras fariam parte do catálogo (ficou decidido que seriam inseridas oito brincadeiras).
- Votação (no quadro) das brincadeiras que fariam parte do catálogo.

Planejamento da estrutura do catálogo

- Discussão e tomada de decisões sobre a organização do catálogo (ficou decidido que, no catálogo, seriam inseridos: capa, apresentação, sumário, instruções das brincadeiras escolhidas e alguns depoimentos de pessoas que teriam falado sobre a brincadeira escolhida).
- Elaboração coletiva de um cartaz com as decisões tomadas em relação ao catálogo.

Atividades de familiarização das crianças com o gênero “instruções de brincadeiras”

- Exploração de instruções de brincadeiras em livros, jornais, caixas de jogos, em grupos.
- Escolha de três brincadeiras que não fariam parte do catálogo.

- Leitura coletiva das instruções das brincadeiras para entender como se deve brincar.
- Vivência das brincadeiras (com leitura das instruções, quando tinham dúvidas).
- Reflexão sobre os textos lidos (estrutura, finalidades e destinatários).

Produção das instruções de brincadeiras

- Escolha, em cada dia, de uma brincadeira que iria ficar no catálogo.
- Discussão oral sobre como é a brincadeira, fazendo com que os alunos explicassem à professora e aos colegas as regras da brincadeira.
- Vivência da brincadeira.
- Produção coletiva das instruções da brincadeira, com conversa sobre as partes que deveriam ser escritas, ajudando os alunos a estruturar o texto, por meio de planejamento.
- Revisão e reescrita do texto.
- Cópia dos textos em papel apropriado e em dupla, por dia.

Elaboração da capa e ilustrações do catálogo

- Discussão sobre como seria a capa.
- Discussão sobre a importância das ilustrações e exploração de ilustrações em livros diversos.
- Leitura da tela Jogos infantis (1560), de Peter Brueghel (O Velho), com exploração dos tipos de brincadeiras retratados.
- Realização de atividade de desenho a partir do tema brincadeiras populares (nessa atividade foi realizada a escrita individual do próprio nome e do título do projeto).
- Decisão sobre quantos desenhos iriam compor o catálogo (os desenhos não escolhidos foram expostos em um painel).
- Organização do painel com os outros desenhos.

Produção do sumário, da apresentação e dos dados dos autores.

- Produção coletiva do Sumário (uma dupla ou trio por dia ficou responsável por fazer a cópia e arquivar na pasta).
- Produção coletiva da apresentação, com leitura anterior da apresentação de um livro, para que as crianças entendessem o que deveriam fazer.
- Produção dos dados dos autores (cada criança escreveu seu nome legível e a idade em uma lista que foi fotocopiada).

Montagem e reprodução do catálogo

- Revisão com os alunos de todas as partes do catálogo.
- Montagem de tudo em ordem.
- Encaminhamento para reprodução.

Lançamento do catálogo

- Organização do dia do lançamento, com tomadas de decisões sobre as atividades a serem feitas.
- Planejamento de tudo o que iria ser feito (brincadeiras, mesa de autógrafos...).
- Produção de textos de divulgação do dia da brincadeira (cartazes e convites para os pais e para as outras turmas da escola).
- Vivência do dia do lançamento, com entrega do catálogo à biblioteca.

Avaliação coletiva do trabalho feito e do dia do lançamento.



Projeto 2

Escola: Municipal Luiz Lua Gonzaga

Professoras: Luzia Maria; Joseane Vilas Boas; Domerina Ramos, Cristiane Castanha; Mikelly Sena, Carla Vieira, Silvana Dias; Ana Cláudia; Lídia Farias.

Etapa escolar: 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Quantidade de estudantes: 240

Tempo de duração: 05 de junho a 24 de agosto de 2023

Tema: Aprendendo mais sobre a Cultura do Nordeste.

Problema: Quais são as principais expressões culturais do Nordeste?

Produto: Mural sobre cultura nordestina e apresentação teatral mostrando a história, ritmo e a dança dos nove estados nordestinos divididos por turma.

Objetivo Geral

- Conhecer os diferentes elementos que compõem o folclore dos nove estados nordestinos a partir da pesquisa da dança, do artesanato, da culinária, da cultura e do modo de vida de seus moradores.

Objetivos específicos

- Estudar a origem das festas populares dos nove estados do Nordeste.
- Conhecer diferentes expressões culturais do Nordeste: música, dança, culinária, teatro.
- Desenvolver a linguagem oral e corporal, a partir das músicas e das danças.
- Desenvolver a imaginação e a criatividade através de produção de textos sobre a história das festas nordestinas.
- Estudar a história dos símbolos e da bandeira;
- Montar mural para socializar conhecimentos.
- Compreender o que é teatro e vivenciar apresentação teatral.

Atividades vivenciadas

- Conversa com as crianças sobre a cultura do Nordeste e proposta para que a turma estudasse esse tema e se apresentasse em um evento que iria acontecer na escola. A turma acolheu a proposta e discutiram sobre o que iriam fazer.
- Pesquisa em diferentes fontes sobre a cultura do Nordeste.
- Leitura e escrita de parlendas, lendas, receitas, adivinhas, trava-línguas, contos de assombração, entre outros.
- Planejamento e ensaio da apresentação teatral;
- Ensaio da apresentação oral sobre a história do estado e dos símbolos;
- Produção de escritas próprias dos alunos, resultantes das pesquisas realizadas.

Avaliação coletiva do processo vivenciado.

Apresentação cultural



Foto: Arquivo próprio da autora



Foto: Arquivo próprio da autora



Foto: Arquivo próprio da autora

Projeto 3

Escola: Municipal Luiz Lua Gonzaga

Professoras: Luzia Maria; Joseane Vilas Boas; Domerina Ramos, Cristiane Castanha; Mikelly Sena, Carla Vieira, Silvana Dias; Ana Cláudia; Lídia Farias.

Etapa escolar: 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Quantidade de estudantes: 240

Tempo de duração: 11 de setembro a 20 de novembro de 2023

Tema: Conhecendo a importância da cultura do preto para a formação do povo brasileiro.

Problema investigado: Até que ponto os negros contribuíram para a formação do povo brasileiro?

Produto: Painel sobre cultura negra; apresentação teatral sobre as contribuições do povo africano para a formação do povo brasileiro.

Objetivo Geral

- Refletir sobre as contribuições do povo africano para a formação do povo brasileiro a partir da sua cultura, tradições e religiosidade.

Objetivos específicos

- Reconhecer tipos de alimentos, receitas e objetos introduzidos na cultura brasileira pelos africanos.
- Resgatar tradições africanas como a religiosidade e as crenças.
- Reviver as lutas e movimentos promovidos pelos Negros em prol da garantia de sua identidade.
- Respeitar e valorizar o povo preto como parte integrante da formação do povo brasileiro.
- Pesquisar sobre a origem das máscaras africanas.
- Produzir máscaras africanas.
- Produzir e compreender textos de variados gêneros para socializar conhecimentos.

Atividades vivenciadas

- Conversa com as crianças sobre a situação dos negros no Brasil e proposta de conhecerem mais sobre esse tema. As crianças aprovaram a ideia e discutiram sobre o que iriam fazer.
- Seleção de obras que abordavam temáticas relativas às identidades negras
- Leitura das obras selecionadas:
 - Menina bonita do laço de fita (autora: Ana Maria Machado);
 - Os cabelos de Sara (autora: Gisele Gama Andrade);
 - O menino negro (autora: Camara Laye);
 - Meus contos africanos (autor: Nelson Mandela);
 - Histórias da Preta (autora: Heloisa Pires Lima).
 - Pesquisa sobre a biografia de Zumbi dos Palmares, símbolo de resistência e luta.
 - Estudo sobre a culinária africana e suas contribuições para o povo brasileiro.
 - Pesquisa sobre a cultura afro-brasileira.
 - Exibição e discussão de vídeos sobre o tema.
 - Pesquisa sobre estilos de roupas e os seus significados.
 - Pesquisa e vivência de danças africanas, seus ritmos e instrumentos.
 - Apresentação do grupo folclórico de dança Afro e de duas trançistas.
 - Produção de máscaras africanas.
 - Confeção de instrumentos e brinquedos africanos.
 - Conversa sobre a identidade das crianças e seus pertencimentos sociais (conhecendo a si mesmo e ao outro; produção de autorretrato).
 - Pesquisa sobre a religiosidade do povo Negro.
 - Conversa sobre os produtos a serem construídos (painel, apresentação teatral).
 - Produção de painéis com textos próprios dos alunos.
 - Preparação e ensaio da obra teatral
 - Confeção de adereços e cenários.
 - Apresentação da obra teatral para a comunidade escolar.

Avaliação coletiva do processo vivenciado.

Produção de máscara africana



Foto: Arquivo próprio da autora

Aprendendo sobre as danças africanas



Foto: Arquivo próprio da autora



Foto: Arquivo próprio da autora

Tranças e Adereços



Foto: Arquivo próprio da autora

Projeto 4

Escola: Escola Municipal Luiz Lua Gonzaga

Professoras: Carla vieira, Lídia Farias, Mikelly Sena, Lídia Farias (professoras) e Patrícia Valéria (coordenadora pedagógica).

Etapa escolar: 4º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Quantidade de estudantes: 80

Tempo de duração: 01 de maio a 29 de junho de 2023

Tema: Vida e obra do Rei do Baião – Luiz Gonzaga.

Problema investigado: Quem foi Luiz Gonzaga? Qual legado Luiz Gonzaga deixou para o povo brasileiro? Quais foram as influências da cultura sertaneja nas suas músicas?

Produto: Evento de homenagem a Luiz Gonzaga, com painel sobre a vida e a obra do artista, textos, desenhos e fotografias, assim como comidas juninas para a comunidade escolar.

Objetivo Geral

- Conhecer a vida e obra do Rei do Baião – Luiz Gonzaga; hábitos e costumes da cultura sertaneja; fortalecer a criatividade, valorizar as músicas e danças nordestinas.

Objetivos Específicos

- Conhecer a vida e a obra de Luiz Gonzaga.
- Conhecer e valorizar canções nordestinas.
- Compreender os significados e as expressões utilizadas em suas músicas e na dança.
- Conhecer a sanfona, o instrumento musical utilizado por Luiz Gonzaga.
- Identificar as características de vida do nordestino, a partir do conhecimento empírico.
- Reconhecer e respeitar as diferenças entre as culturas e modo de vida do povo nordestino.
- Diferenciar e valorizar as expressões culturais e as tradições existentes em Pernambuco, como em outros estados nordestinos.

- Aprender sobre a culinária nordestina.
- Compreender canções, elaborando inferências e apreendendo sentidos gerais dos textos.
- Produzir biografia, mobilizando conhecimentos sobre o gênero.
- Produzir painel temático.

Atividades vivenciadas

- Conversa com os estudantes sobre quem foi Luiz Gonzaga e sobre a proposta de estudarem sobre ele; discussão sobre o produto final a ser organizado por eles para apresentação na escola: evento com painel e comidas típicas.
- Exibição e conversa sobre documentários sobre o cantor, ícone da cultura sertaneja e nordestina.
- Apresentação e seleção, junto com os estudantes, das obras que retratam a vida do sertanejo.
- Vivência de situações de canto e de dança de canções de Luiz Gonzaga.
- Atividades de leitura e discussão sobre as letras das canções de Luiz Gonzaga.
- Estudo da origem da festa junina, citada em canções de Luiz Gonzaga.
- Produção de texto: O que é festa junina?
- Produção de desenhos e textos dos estudantes para compor o painel sobre Luiz Gonzaga.
- Visita a uma exposição no museu instalado dentro do Shopping Tacaruna, de objetos e vestimentas próprias de Luiz Gonzaga, com captação das imagens em fotos a serem utilizadas no painel.
- Planejamento do dia do evento, incluindo a organização do painel, decisões sobre as comidas juninas a serem levadas para o evento.
- Pesquisa e escrita de receitas típicas juninas do Nordeste.
- Confeção de cartazes de divulgação do evento.
- Confeção de balão e bandeiras para enfeitar a sala e a escola no dia do evento.
- Evento de culminância com painel contendo textos, fotografias e desenhos sobre Luiz Gonzaga e comidas juninas.
- Montagem de mural com as fotos do evento.

Avaliação do processo vivenciado.

Decoração da escola – homenagem a Luiz Gonzaga

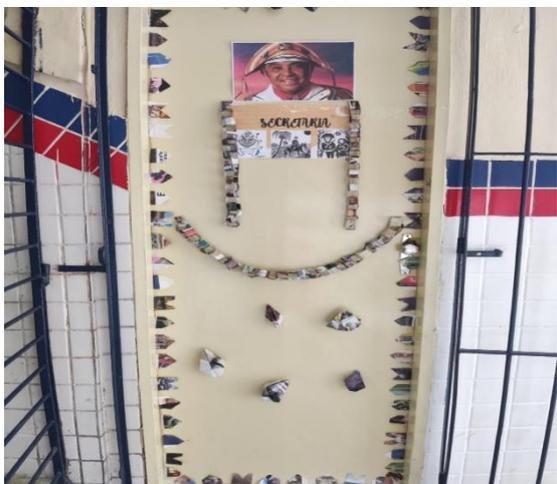


Foto: Arquivo próprio da autora



Foto: Arquivo próprio da autora



Foto: Arquivo próprio da autora

Visita ao museu



Foto: Arquivo próprio da autora



Foto: Arquivo próprio da autora

Foto: Arquivo próprio da autora



Foto: Arquivo próprio da autora

5 ENFIM... QUAIS SÃO OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DE UM PROJETO DIDÁTICO?

Os projetos didáticos se constituem como uma modalidade organizativa do trabalho pedagógico que possibilita um ensino dinâmico, significativo para os estudantes e com possibilidade de aprofundamento de temáticas relevantes para a vida dos aprendizes. Desse modo, não pode prescindir do protagonismo deles.

Nesse sentido, os projetos didáticos precisam ser planejados por todo grupo classe e avaliado. Pode ser redimensionado e replanejado a partir da avaliação coletiva. É, enfim, um modo de vivenciar um currículo vivo. Tem, assim, alguns princípios que são fundamentais, tais como os que estão listados no Quadro a seguir.

Participação dos estudantes na definição do tema, produtos, planejamento das atividades e avaliação
Existência de um cronograma construído e compartilhado com os estudantes
Atividades articuladas por um período que propicie situações suficientes para aprofundamento dos temas escolhidos e elaboração do produto final
Existência de um tema claramente reconhecido pelos estudantes
Existência de um problema a ser pesquisado
Atividades de pesquisa sobre o tema
Tema relacionado com o contexto no qual os estudantes estão inseridos.
Integração entre componentes curriculares (interdisciplinaridade)
Existência de um produto planejado e executado com as crianças
Existência de uma culminância em que os conhecimentos são expostos para pessoas externas à sala de aula, com objetivos definidos
Participação dos estudantes na avaliação
Aulas criativas, com predomínio de atividades coletivas
Valorização e respeito à heterogeneidade dos estudantes

A partir de experiências com os princípios elencados, os estudantes aprendem os conteúdos curriculares e, ao mesmo tempo, aprendem a planejar e monitorar suas ações, assim como a terem iniciativa. Enfim, desenvolvem a autonomia para lidar com os desafios da vida.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de. O livro didático de alfabetização: mudanças e perspectivas de trabalho, *In*: LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana; MORAIS, Artur Gomes de. **Alfabetização: apropriação do Sistema Alfabético**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- ALMEIDA, M. E. B. de. **Projeto: uma nova cultura de aprendizagem**. São Paulo: PUC, 1999.
- ANDRADE, Maria Eurácia B. de. **Alfabetização e Letramento: o desvelar de dois caminhos possíveis**. Jundiaí: Paco, 2011.
- BARTIKOSKI, Fernanda Vanessa Machado. **Projeto didático de gênero: retomando práticas e avaliando**. 09/01/2017. 122 f. Mestrado em Linguística Aplicada. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo Biblioteca Depositária: Biblioteca Unisinos. URI: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6089> Data da Defesa: 2017-01-09.
- BOUTINET, J. P. **Antropologia do projeto**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRASIL. Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007. **Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 jun., 2007.
- BRASIL. **Presidência da República**. Emenda constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009.
- DEWEY, John. **Democracia e Educação**. (4. ed.; Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. Estudo preliminar de Leonardo Van Acker). Companhia Editora Nacional, 1979. (Trabalho original publicado em 1916).
- FÔNSECA, Fábio do Nascimento. **O Trabalho com Projetos Didáticos**. João Pessoa, 2012.
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Funcionalidade da língua escrita na escola. Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: Dimensão, 1997. v. 3, n. 16, p. 49-58. jul./ago.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- GALVÃO, A.; LEAL, T. F. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as). *In*: MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T. F. (orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-28.
- GANDIN, Danilo. **A Prática do Planejamento Participativo na Educação**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na Educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HERNÁNDEZ, F.; MONTSERRAT, V. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. 5. ed., Porto Alegre: Artmed, 1998.

- JOLIBERT, Josette. **Formando Crianças Leitoras**. Trad. Bruno C. Magne. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- KILPATRICK, W. H. **The project method**. Teacher's college record. New York: Teachers College, Columbia University, 1918. p. 319-335.
- KILPATRICK, W. H. **Educação para uma civilização em mudança**. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- LEAL, Telma Ferraz. Organização do trabalho escolar e letramento. In: SANTOS, Carmi; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- LEAL, Telma Ferraz. A aprendizagem dos princípios básicos do sistema alfabético: por que é importante sistematizar o ensino? In: ALBUQUERQUE, E. B. C. de. LEAL, T. F. (Orgs.). **Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.77-116.
- LEAL, Telma Ferraz; GALVÃO, Andréa. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as), In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-28.
- LEAL, Telma Ferraz; SILVA, Kátia Virgínia das Neves Gouveia; COSTA, Patrícia Rocha; PIMENTEL, Rayssa Cristina Silva. **Prática docente: as diferentes dimensões do processo de alfabetização**. Alagoas: Debates em educação, 2020. v. 12, p. 40-56.
- LEAL, Telma Ferraz. **Concepção de alfabetização em documentos curriculares: comparação Brasil Argentina**. Revista Linhas. Florianópolis, 2022. v. 23, n. 51, p. 160-189, jan./abr.
- LERNER, D. A escolha do projeto. In CARDOSO, B. (Org.), **Ensinar: tarefa para profissionais**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. São Paulo: Érica, 2003.
- OLIVEIRA, Renato Braga de. **Ensino e aprendizagem: Metodologia de Projetos**, 7ª Ed. São Paulo, 2018-2022.
- SANTOS, C. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. Alfabetizar letrando. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SOARES, M. B. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos**. Porto Alegre: Pátio - Revista Pedagógica, 29 de fev, 2004. v. 29, p.5-66.
- SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1. ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2018.
- SOARES, M. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.
- TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 9ª edição, São Paulo: Cortez, 2010.
- VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Del Arte**. Barcelona: Barral Editores, 1989.